



rumores e ruídos

PARTIDAS E CHEGADAS

Viagens são temas recorrentes na literatura. Talvez possamos dizer que, para a tradição ocidental, são temas fundadores. A *Odisseia*, atribuída a Homero, narra a volta de Ulisses a Ítaca, sua terra natal, dez anos depois da Guerra de Troia. Maltrapilho, disfarçado como mendigo, Ulisses é reconhecido apenas por seu cão Argos. Nem mesmo a amada Penélope o identifica de imediato. Todo aquele que regressa é um outro, estrangeiro para si e para os seus.

No século XVI, *Os Lusíadas*, de Camões, reafirmam os feitos heroicos dos navegantes portugueses na viagem de Vasco da Gama às Índias. Embalados pelo lema da Escola de Sagres de que “navegar é preciso”, seguiram por “mares nunca dantes navegados”, expandindo o império português além-mar. Seja de um ponto de vista histórico, mitológico, político ou existencial, a literatura ocidental sempre ficcionalizou partidas e chegadas e sempre se voltou para esses percursos, às vezes programáticos e iniciáticos, às vezes forçosos e a esmo. É provável que, em outro momento, eu faça do tema desse artigo de hoje uma sequência de outros tantos que me permitam discutir sem ligeiras e reducionismos os vários prismas pelos quais podemos discordar daquela canção de Milton Nascimento, já que “chegar e partir nem sempre são dois lados da mesma viagem”.

Nas narrativas clássicas, a viagem, marcada por muitas lutas e combates, estava atrelada à figura do herói, às suas virtudes e aos seus estratagemas. Ulisses volta vitorioso, mas não é mais o mesmo, é um estranho. Voltar, nesse sentido, é uma utopia: a “casa” não é mais o lar de outrora, a “casa” é um lugar inalcançável para os que voltam triunfantes ou derrotados. Nenhuma partida é impune, embora necessária.

Por mais que pareça melancólica, essa conclusão é legítima tanto na vida quanto na ficção. Para os que foram exilados em períodos ditatoriais, a anistia é libertária porque reabilita ao cidadão o direito de ir e vir e retomar a identidade roubada com a partida imposta. No entanto a anistia é igualmente sombria



e melancólica, porque quem volta não é mais quem foi. Mesmo que a mesa esteja posta e o jantar servido, o vinho que se toma celebra uma “outra vida” na qual a maior cicatriz é o tempo que foi confiscado. Não há uma vida devolvida, essa já se foi, há uma vida que está “por vir”, desconhecida e pouco familiar. Não nos iludamos, tampouco os jogadores olímpicos, celebrados medalhistas, retornam à mesma vida. A glória os coloca em um outro lugar e lhes rouba o passaporte.

Stuart Hall, o “papa negro dos Estudos Culturais”, radicado em Londres há mais de 50 anos, estuda os fenômenos diaspóricos da migração na cultura contemporânea, analisa as negociações e hibridizações impostas por uma sociedade globalizada e que se diz multiculturalista, mas não perde a lucidez ao afirmar que a Jamaica é seu país perdido, onde já não se sente em casa, é o que ele poderia ter sido, o que poderia ter acontecido, se sua saída não tivesse sido anterior aos movimentos de independência. Mesmo sendo cidadão inglês, casado com uma inglesa e com filhos nascidos lá, ele também não se sente em “casa”. E conclui, lucidamente, que a “casa” é para onde nunca se volta definitivamente.

A literatura do escritor contemporâneo João Gilberto Noll, por exemplo, estruturada numa espécie de “road movie”, segue na contramão de qualquer narrativa épica. As viagens, tematizadas em muitos romances e novelas, como “Rastros do Verão”, “Hotel Atlântico”, “A céu aberto”, “Berkeley em Bellagio”, “Lorde”, não respondem por intenções conhecidas, pontos de chegada, roteiros e mapas traçados. Quem parte não sabe por que o faz, parece fugir de algo desconhecido, não leva malas nem carteira de identidade. “Sem lenço e sem documento”, vai! Parte sem destinos certos e sobretudo sem pretensões, vaga às cegas.

A novela “Hotel Atlântico” é emblemática dessa situação de deriva contínua. O personagem que abre, na rodoviária do Rio de Janeiro, um mapa e escolhe ao acaso uma cidade para onde ir percorre estradas, hotéis, ruas, assumindo, segundo sua conveniência, qual ator, identidades fortuitas para, já



rumores e ruídos

doente e mutilado, voltar, sem perceber, à cidade natal e à casa da infância, que não existia mais, e morrer diante do mar. Tal como diz o poeta Drummond, em outro contexto, José quer voltar para Minas, mas “Minas não há mais”!

O desassossego contemporâneo, tão bem retratado na literatura e no cinema nacionais, em parte está fundado na certeza de que a “casa” é também uma das grandes narrativas que ruíram e que, se partir é necessário, voltar é utopia: um lugar que está sempre por chegar.

